

INTRIGA



AIRTON CASTRO

Professor do Departamento de Matemática CCEN

Endereços eletrônicos: airton@dmat.ufpe.br e airton_castro@yahoo.com.br

Era quatro de dezembro de 1778, foi há dois séculos, eu tinha onze anos. Às seis da manhã, meu tio, Venceslau Monte, morreu de congestão. Dele só ficou a lembrança de seu bigodão branco e os olhos tristes.

À sua morte veio a entrada, no meu pequeno mundo, de uma verdade imutável: a vida tem fim.

Tudo começou às dezoito horas e quarenta minutos, quando me jogaram na cama. Meu miúsculo cérebro começou a jogar dados, a fim de obter uma configuração da morte. Para tentar realizar esta proeza extrai as seguintes informações do meu centro de processamento de dados:

Deus é eterno.

Todo homem morre.

Somos matéria e espírito.

A alma é eterna.

No dia do juízo final todos levantarão.

À luz da verdade, estas peças são insuficientes para montar o quebra-cabeça, mas eu possuía uma arma secreta: a imaginação, mecanismo associado a minha pouca vivência.

Na minha visão da morte, Deus era um bondoso e paciente velhinho (tinha que ser paciente para aturar o serviço), que passaria a espanar, eternamente, os caixões colocados em posição vertical, à maneira de sarcófagos. Neles ficariam as almas, imortais, cópias dos corpos terrenos, sem movimento, porém com

consciência. O panorama seria este até o dia do juízo final, quando os espíritos sairiam de seus estados de imobilidade, e Deus vestiria a toga.

Minha mente foi invadida por uma onda de angústia: como é triste e chato morrer, ter que passar a eternidade sem fazer nada, imóvel. Acho que enlouquecerei de tédio antes do juízo final (que irônica contradição: no dia do juízo, sem juízo).

Uma lágrima rolou na minha face, e outra, outra... Sentí uma certa ira de Deus, afinal de contas, só ele tem o que fazer, e nós, os mortos, seríamos múmias paralisadas.

Parei de pensar na vida após vida (podemos chamar isto de vida?) e adormeci.

Não voltei mais a tocar neste assunto. Intriguei-me com a morte e passei a ignorá-la. Por vingança, ela esqueceu-se de mim.



poseidon

no oceano,
embarcas

sob a lua
da linha
alva.

tens o som
do convés...

no mar
da madrugada.

abarcas
dos peixes
a água.

tens o tom
das galés...

em frases
ancoradas.

desembarcas
em folhas
e praias.

tens o dom
das marés...

na barca
das palavras.



FÁTIMA BARROS

Professora de Língua Inglesa da CAP/UFPE

em alto mar

no poema alinhas
no vento aos barcos.

no traço das linhas,
o tempo ancorado.

teu diálogo do mar
em silêncio afogado.

o adágio do olhar
na pauta dos meses.

os peixes ilhados
no afago das redes.

